



SEÇÃO: RESENHA

## Depois da dialética

*After dialectics*

*Después de la dialéctica*

**Luiz Philipe de Caux<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2458-5563](https://orcid.org/0000-0002-2458-5563)

[luizphilipedcaux@gmail.com](mailto:luizphilipedcaux@gmail.com)

PUCCIARELLI, Daniel. *Materialismus und Kritik: Konzept, Aussichten und Grenzen des Materialismus um Ausgang von der Negativen Dialektik* Theodor W. Adornos. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2019.

**Recebido em:** 25 jun. 2021.

**Aprovado em:** 10 nov. 2021.

**Publicado em:** 7 jul. 2022.

Segundo certa tradição do marxismo, materialismo, crítica e dialética são três pontos que formam um plano, uma estrutura na qual um correto alinhamento dos eixos faz o todo parar em pé. Essa solidariedade dos três eixos, no entanto, não é nada óbvia. Se nos detemos um pouco na relação entre os três, eles podem deixar de formar um triângulo para configurar antes um trilema, no qual a cada vez dois deles formam sistema apenas sob a condição da negação do terceiro. *Materialismo e dialética* formam juntos uma doutrina dogmática, uma visão de mundo que ontologiza natureza e sociedade e exclui toda forma de *crítica* em sentido enfático, isto é, uma que retraçasse os limites da experiência possível, já que estes estão dados de uma vez por todas no comportamento da matéria. *Crítica e dialética*, por sua vez, configuram um sistema idealista, no qual a reflexão subjetiva altera sem cessar o objeto da reflexão, põe em movimento perpétuo a máquina que reorganiza o sentido do mundo e, com ele, o próprio mundo, excluindo toda forma radical de *materialismo* que postule algum resíduo da realidade recalcitrante à sua reinterpretação. *Materialismo e crítica*, por fim, formam também uma atitude desencantada, radicalmente iluminista, no limite, niilista, que denuncia o inteiro mundo do sentido como superstição, reduzindo-o a efeito de superfície dos dados brutos últimos da realidade, mas isso também apenas sob a condição da eliminação de toda mediação *dialética*, que é denunciada igualmente como ilusão.

Salvo engano, a perscrutação desse trilema, dessa dificuldade filosófica em encontrar um solo no qual esse tripé encontre prumo dificuldade que é, portanto, central para um pensamento crítico que se vê forçado



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

a recorrer tanto ao materialismo quanto à dialética<sup>2</sup> –, é o objetivo subterrâneo que mobiliza Daniel Pucciarelli em sua obra *Materialismus und Kritik: Konzept, Aussichten und Grenzen des Materialismus im Ausgang von der Negativen Dialektik Theodor W. Adornos*, publicada em 2019 pela Königshausen & Neumann, em Würzburg, Alemanha. Como está em seu subtítulo, trata-se de investigar o conceito, as perspectivas e os limites do materialismo, não simplesmente em Adorno, mas tomando a dialética negativa como *ponto de partida*. Recentemente, Gunnar Hindrichs sustentou que é o materialismo de Adorno que unifica, em sua especificidade, teoria crítica e dialética negativa, mas apenas às custas de defender também que essa especificidade é a de que "o materialismo crítico de Adorno não oferece nenhuma teoria sobre a realidade. Ele apenas sentencia sobre a realidade o juízo de que ela é condicionada pela dominação" (HINDRICHS, 2019, p. 139). Salvo engano, não é essa a concepção que Pucciarelli vê em Adorno. Um materialismo meramente negativo já não seria materialismo algum. Em todo caso, Adorno não apresenta, para Pucciarelli, uma solução para o trilema, mas sim a tentativa mais obstinada de enfrentá-lo com vistas a uma compatibilização dos três eixos, posicionando assim a questão em um nível mais elevado de reflexividade. Ela não dá a palavra final, mas possibilita colocar a questão.

Importa a Pucciarelli a reemergência do materialismo no contexto pós-kantiano, tomando-se como assente o giro copernicano. O livro começa recuperando o aparecimento de um "conceito crítico de materialismo" (isto é, um materialismo não ontológico) como resultado de uma "crise de identidade idealista da filosofia" depois de Hegel, que começa naturalmente com Marx, mas atravessa "neokantismo, filosofia da vida, historicismo, existencialismo, filosofias do in-

consciente, fenomenologia [e] teoria crítica da sociedade" (2019, p. 28). O materialismo aparece como "conceito aberto por princípio" (2019, p. 29), que sintetiza as inquietações da ressaca da *hybris* do idealismo absoluto sem retroceder a uma posição dogmática. Assim o formula Pucciarelli:

O problema de um materialismo crítico poderia ser formulado de modo puramente objetivo como pergunta: se pressupomos com Kant que a posição de um elemento absolutamente primeiro, não importa de que proveniência, ou seja, digamos, a matéria, se enreda necessariamente em contradições insuperáveis, o materialismo não precisa então renunciar a sua tese fundamental para se configurar como modelo consistente? (2019, p. 35).

Pucciarelli vê em Adorno o problema de um materialismo crítico ganhar a seguinte formulação: como apreender conceitualmente a aquilo que é heterogêneo ao conceito? A via adorniana passa, portanto, por dentro do idealismo (e sua consequente dialética): é a da autorreflexão sobre a problemática idealista da identidade na filosofia clássica alemã. "O materialismo crítico não é então idêntico a essa autorreflexão: ele é antes o seu produto filosófico – aquilo que dela resulta filosoficamente" (2019, p. 48). Nisso Pucciarelli se filia à trilha de recepção da *Dialética negativa* aberta por Herbert Schnädelbach (1983) e levada adiante por Anke Thyen, que buscam separar a ideia de racionalidade presente na obra tardia adorniana da tese da "isomorfia plana entre princípio da troca e princípio da identidade" (1989, p. 54) e sua consequente ideia de uma "ontologia do estado falso", isto é, da falsidade de todo o existente. Para Pucciarelli, deve haver em Adorno uma figura da razão qualitativamente distinta para além daquela isomórfica à equivalência das trocas,<sup>3</sup> e ela estaria na continuidade da autorreflexão crítica em direção à ideia de uma racionalidade do não-idêntico. Por isso será preciso atravessar no segundo capítulo toda a

<sup>2</sup> Entre nós, o problema encontra uma formulação clássica em Marcos Müller, em sua explicação do método da crítica da economia política: "Como evitar o duplo escolho de uma dialética materialista, tributária em sua inteligibilidade da dialética hegeliana, a única a possuir inteligibilidade própria e autônoma, graças ao seu idealismo consequente [distante, portanto, do materialismo, L.Ph.C.], e o do achatamento vulgar-materialista da dialética em termos de 'espelhamento' (*Widerspiegelung*), este bastardo positivista da especulação hegeliana, que assolou a tradição marxista fazendo-a regredir a uma posição pré-kantiana [i.e., afastando-a da crítica, L.Ph.C.]?" (MÜLLER, 1982, p. 25).

<sup>3</sup> Sobre o alcance do problema dessa isomorfia na obra adorniana, conferir igualmente o estudo de Pucciarelli em coautoria com Amaro Fleck (FLECK; PUCCIARELLI, 2019).

problemática da identidade como recebida por Kant de Leibniz e Hume e desdobrada na sequência no idealismo alemão.

Antes, todavia, de concluir o primeiro capítulo, Pucciarelli introduz uma ideia contemporânea que, no seu entender, mostrará adiante os limites da formulação adorniana de um materialismo crítico. Trata-se da crítica feita por Quentin Meillassoux ao que chama de "correlacionismo": "toda corrente de pensamento que sustentará o caráter insuperável da correlação assim entendida", a saber, como a "ideia segundo a qual nós só temos acesso à correlação do pensamento e do ser, e nunca a um desses termos tomado isoladamente" (MEILLASSOUX, 2006, p. 18). Ao correlacionismo, ao qual nenhum pensador continental depois de Berkeley escaparia, Meillassoux opõe a ideia um materialismo especulativo, que consistisse "em afirmar tanto que o pensamento não é necessário (algo pode ser sem pensamento) quanto que o pensamento pode pensar aquilo que deve haver quando não há pensamento" (MEILLASSOUX, 2006, p. 62). A matemática seria capaz, para Meillassoux, de ultrapassar especulativamente a barreira que a própria subjetividade impõe ao conhecimento ao limitar-se a conhecer apenas o que Kant nomeava "fenômenos". Adorno chamava a tais esforços de aceder ao *Grand Dehors* de Meillassoux, o enorme "Lá-Fora" do mundo subsistente independentemente do pensamento, como *Ausbruchversuchen*, tentativas de irrupção da cela em que a subjetividade aprisiona a si mesma (ou é aprisionada por sua materialidade). Pucciarelli suspeita que dessa vez, diferentemente dos casos de Husserl, Heidegger ou Bergson, a tentativa logrou êxito (embora não se possa, nos limites de uma resenha, resumir o notável argumento de Meillassoux). E, se for mesmo possível, sem retroceder a uma fase pré-crítica da reflexão, mas antes avançando em reflexão sobre ela, pensar especulativamente a estrutura da matéria independente do sujeito que a pensa, postulando que ela pode ser de fato exatamente tal como é pensada mesmo se não fosse ou nunca tivesse sido pensada, então o materialismo crítico adorniano aparecerá como

insuficientemente radical.

Após avisar o leitor do problema, Pucciarelli deixa-o (o problema, não o leitor) descansar. O segundo capítulo, o mais denso do livro, recupera os pressupostos vindos da reflexão idealista para a formulação da ideia adorniana de prioridade do objeto. Com muito rigor, o autor reconstrói o modo como a equivocidade constitutiva da noção de identidade é integrada por Adorno, a partir de distintas vertentes teóricas, no seu próprio conceito de identidade (e em seu conceito relativo, o de não-identidade). Como saldo, Pucciarelli chega à seguinte síntese, a partir da qual explicita a relação do problema da identidade e da não-identidade com a ideia de uma prioridade do objeto (desenvolvida por Adorno entre os parágrafos "Prioridade do objeto" e "Passagem ao materialismo" da *Dialética negativa*, e no artigo "Sobre sujeito e objeto"), expandindo o sentido categorial desta última:

A operação fundamental de crítica da identidade da dialética negativa poderia ser reproduzida por meio de suas teses simples:

1. Identidade e não-idêntico são mediados um pelo outro.
2. O não-idêntico é prévio à identidade.

A primeira tese é idealista, a segunda, materialista. No sentido de Adorno, essas sentenças poderiam também ser formuladas com uma terminologia variada sem perda de sentido:

1. Sujeito e objeto certamente são mediados um pelo outro, tal como sustentado pelo idealismo.
2. No entanto, contra o idealismo, esse caráter mediado contém uma desigualdade interna em favor do último, desigualdade que resulta de modo conseqüente do sentido próprio da mediação e a transforma de modo essencial (2019, p. 104).

A prioridade do objeto designa a especificidade do materialismo crítico adorniano. Só se chega ao materialismo por dentro do idealismo (ou, se se quiser, de uma forma de correlacionismo: "sujeito e objeto certamente são mediados um pelo outro etc."), de modo algum postulando a matéria como algo dado, algo que é em si mesmo. Pucciarelli organiza quatro blocos de argumentos adornianos pela prioridade do objeto, dos quais o primeiro é o argumento decisivo, enquanto os seguintes desempenham um papel apenas

subsidiário: a) o argumento crítico-imanente, que objeta lógico-categorialmente contra a autonomização da mediação em relação ao mediado na dialética idealista; b) o argumento histórico-filosófico, que reconstrói em Hegel uma decisão prévia pelo idealismo, uma tomada de posição clandestina e não posta à prova dialeticamente, que lhe impediu de enfrentar os problemas da dialética que a levariam a uma formulação materialista; c) o argumento histórico-social, que recorre aos eventos históricos desde o ocaso do idealismo absoluto a fim de indicar uma espécie de refutação pelos fatos da pretensão do espírito de configurar à sua imagem (ou à sua autoimagem como livre e racional) o seu mundo; por fim, d) o argumento antropológico, que rastreia a emergência biológica e corporal das faculdades espirituais a partir de necessidades pré-epistêmicas humanas.

O principal argumento, por si suficiente para estabelecer a prioridade do objeto, é o da inautonomia da mediação. Este argumento, aliás, é o responsável pela "decapitação" da dialética idealista feita por Adorno: como, diferentemente de Hegel, a mediação deixa de ser ela própria uma entidade mediadora, a dialética negativa passa a operar com antinomias irresolúveis, nas quais os extremos se medeiam um ao outro sem constituir um terceiro (a própria mediação autonomizada) que os moderasse e permitisse sua superação – figura da dialética, aliás, que corresponde à imobilidade do capitalismo tardio. Daí a necessidade de Pucciarelli de reconstituir, no § 9, a especificidade categorial do pensamento antinômico de Adorno em relação a Kant e Hegel. Entender a estrutura antinômica do mundo é, para Adorno, o mesmo que apreender a prioridade do objeto (na mediação de si mesmo através do sujeito).

O terceiro capítulo é dedicado ao discernimento do materialismo adorniano de toda forma de ontologia. A crítica à ontologia em geral, quer se a tome por pré ou pós-crítica, atravessou a obra de Adorno de suas primeiras conferências até sua obra madura, e encontra sua formulação mais bem-acabada na primeira parte da *Dialéti-*

*ca negativa* e no curso *Ontologia e dialética*, de 1960/61. Pucciarelli reconstrói as três frentes da crítica adorniana à ontologia: a objeção da carência ontológica, a objeção da mediação do ser e a objeção do jargão da linguagem. Interessa sobretudo à composição do argumento sobre a especificação do materialismo crítico de Adorno as objeções sobre o ser em Heidegger como mera hipóstase da cópula, mera substantivação e substancialização do "é" (justamente do elemento linguístico de mediação, operador da identidade). Ainda que assuma como acertada a ideia heideggeriana de uma diferença ontológica, o ser, para Adorno, não é ainda assim senão uma abstração dos entes. Logo, toda invariante ontológica, mesmo aquelas atribuídas à estrutura da matéria, será entendida por Adorno como "ontologização do ôntico". Há então prioridade do não-idêntico sobre a identidade, do objeto sobre o sujeito, do ente sobre o ser, o que não significa que a identidade, o sujeito ou o ser sejam simples epifenômenos. Se são identificados à mediação em geral, é porque o idealismo tende a hipostasiar toda forma de mediação. Identidade, sujeito e ser não são a *mediação*, mas são antes *mediados e mediantes* (embora *mais mediados do que mediantes*, e aqui está todo o imbróglio a se desdobrar na conclusão). Merece destaque, ainda no terceiro capítulo, a excelente e original comparação sistemática dos modelos linguísticos do jargão ontológico e do pensamento constelatório de Adorno.

Mas como pensar um materialismo "esvaziado ontologicamente" (2019, p. 179), sem uma matéria invariante e autossubsistente que contivesse todas as possibilidades em potência? O materialismo de Adorno é, sem dúvida, crítico, mas ameaça perder a dialética lá onde é materialista e abandonar o materialismo lá onde abraça a dialética. O materialismo crítico de Adorno consiste, afinal, na ideia de que há por certo uma mediação recíproca, mas não simétrica entre sujeito e objeto. Quando se diz que o sujeito é constitutivo do objeto e que o objeto é constitutivo do sujeito, "constituir" não significa nos dois casos o mesmo. Isso culmina na assunção de que é sim possível

abstrair (*wegdenken*) do objeto o sujeito, embora o contrário seja de fato impossível.

É a essa altura que Meillassoux, deixado por um tempo na reserva, é posto de novo em campo para explicitar a tensão da posição adorniana. Para filosofias como a de Adorno, Meillassoux tem um conceito: trata-se de um "correlacionismo adoecido" (*sickened*) ou um "correlacionismo malogrado" (*misfired*). Ao lado de Adorno nessa classe de correlacionistas estão também Freud, Marx, Derrida, Lacan, e todos aqueles que "realizam a mesma operação [...]: ao querer desatar a correlação sujeito-objeto de seu eixo, mas sem demoli-lo com recurso a algo de transcendente, apontam necessariamente para uma instância de sentido não correlacionista e não relacionada ao sujeito, mas que não pode ser fundamentada no interior de seu quadro categorial" (2019, p. 187). Para Meillassoux e, seguindo-o, para Pucciarelli, essas figuras peculiares do correlacionismo são todas aporéticas, esforços de tensionamento que certamente incorrem no "risco de resultar em inconsistências graves", mas, ao mesmo tempo, "quanto mais desestabilizam a correlação sujeito-objeto (...), mais perto chegam de seu conteúdo de verdade" (2019, p. 187).

Como Adorno não vê como seria possível irromper pelo pensamento para fora dele, mas insiste no imperativo epistêmico de imergir no objeto, para ele, toda tentativa conseqüente de pensar a realidade precisa esbarrar em antinomias. Essas antinomias, para Pucciarelli, adviriam justamente desse "equilíbrio frágil entre desestabilização da correlação e momento-limite materialista" (2019, p. 189): "O propriamente materialista se converte então em antinômico e é, por sua vez, projetado na mediação sujeito-objeto" (2019, p. 188).

Para pôr à prova se a solução de compromisso de Adorno (para voltar à metáfora do início) fica mesmo de pé, Pucciarelli investiga como a tensão interna do seu correlacionismo malogrado se manifesta então também nas categorias fundamentais do seu materialismo. Em um trecho do parágrafo "Passagem ao objeto", Adorno fala da matéria como aquilo a que a categoria de reflexão do não-idêntico se referiria, caso fosse

possível falar dele de fora da reflexão subjetiva. No conceito de mimese, que tenta dar conta do papel desempenhado pelo elemento material do sujeito na apropriação subjetiva da própria matéria, chegaríamos ao "máximo de material admitido pela dialética negativa como correlacionismo malogrado" (2019, p. 193), que, todavia, com isso assumiria uma dívida impagável ao pressupor uma matéria pré-subjetiva, única a poder ser apropriada mimeticamente – um compromisso ontológico que seu correlacionismo não pode assumir. Em um de seus últimos textos, escrito pouco antes de seu falecimento, reverberando uma observação na *Dialética negativa* sobre Einstein, Adorno chega a escrever com assentimento que "a *ratio* nas ciências naturais modernas olha por cima do muro que ela mesma erigiu", o que contrariaria a própria teoria kantiana da constituição subjetiva do objeto (AGS 10.2, p. 748), isto é, o correlacionismo. A filosofia fracassaria em suas tentativas de irrupção, mas não as ciências? E o próprio Adorno, teria então também espiado por cima desse muro, um muro talvez não tão alto quanto ele o julgava?

A conseqüência mais grave do correlacionismo malogrado de Adorno, todavia, estaria em sua incapacidade de reconhecer uma natureza para além de toda mediação do espírito. No conceito de história natural, que atravessa também a obra de Adorno de sua juventude até a maturidade, o autor representaria toda natureza como sempre já histórica, como transformável por princípio pela ação do espírito, como não portadora de nenhum resíduo de autonomia. A crítica da dominação da natureza de Adorno, porque assentada no correlacionismo, se prolongaria ela própria assim inadvertidamente em dominação da natureza. Pucciarelli interpreta uma passagem do *Jargão da autenticidade* contra a ontologização do "ser-para-a-morte" heideggeriano como uma espécie de defesa pós-humanista da superação técnica da mortalidade humana (algo que, salvo engano, não coincide exatamente com o visado pelo autor – creio que o trecho se refere, na verdade, à carência da razão, que não desaparece apenas por seu conteúdo ser falso, de postular

regulativamente a imortalidade da alma, vide o parágrafo "Morrer hoje" da *Dialética negativa*. Em todo caso, a menção a uma abolição da morte, que aparece ainda em outros contextos no *corpus* adorniano, de fato desafia a interpretação).

O correlacionismo de Adorno se tornaria particularmente limitante ao imaginar a emancipação humana, seguindo a passagem do terceiro volume do *Capital* sobre os reinos da necessidade e da liberdade, como fim do materialismo em razão do cumprimento de sua sina. Ali, ficaria claro que materialismo, para Adorno, é algo que diz respeito tão somente às carências humanas, e definitivamente não à natureza como um extracorrelacional. Para voltarmos ao trilema, Adorno aparece aqui como *crítico* e *dialético*, mas justamente não como *materialista*. O argumento é forte, e joga água no moinho da definição do materialismo adorniano dada por Hindrichs, citado acima. Mas Adorno afirmaria que com o que chama de "fim do materialismo" cessa também o primado do objeto? O argumento de Adorno, ao cabo, não parece ser o de que não há a natureza puramente autossustentada, mas sim que nós nunca saberemos como ela é em si mesma, ou ao menos não enquanto continuarmos a nos relacionar com ela de modo dominador (o que significa: ao menos enquanto durar o capitalismo). A natureza é, para Adorno, a natureza tal como a conhecemos, especificamente aquela que as ciências naturais têm por correlato. Há, por certo, o abscôndito, o não-idêntico, a matéria sem o encanto da identidade etc., mas aquilo a que se dá o nome de natureza é algo já tocado pela mediação. Quando mais densa se tece a malha da mediação conceitual (ou da abstração real, se a isomorfia recusada por Pucciarelli tiver ainda assim algum sentido), mais a "correlação" se estende também ao passado, inclusive ao passado anterior à emergência do sujeito. É no mínimo legítima a dúvida cética se conheceríamos do mesmo modo o "arquifóssil" meillassouxiano se a ciência que o conhece não estivesse enredada em práticas sociais orientadas à acumulação de capital a tal ponto que a exploração da natureza se lhe torna constitutiva, isto é, se o passado

fosse conhecido de outro modo que não um comprometido com a dominação do presente.

O livro de Pucciarelli é muito bem-sucedido em demonstrar a tensão interna do pensamento de Adorno no que diz respeito à sua tentativa de formular um materialismo não dogmático. Ao final, o leitor se convence do quão difícil é a tentativa de manter amarrados materialismo, crítica e dialética. Essa tensão é, para Pucciarelli, "*index veri*" do pensamento de Adorno, seu conteúdo de verdade trazido à linguagem (2019, p. 189). Como dito, ela não é, todavia, a palavra final. À luz das especulações de Meillassoux, Adorno tem apenas um materialismo crítico defectivo. Bastaria a ele, no entanto, assumir até as últimas consequências certas intuições que já se apresentam em sua obra. Assim conclui Pucciarelli:

Ao revelar que a dialética negativa, em última instância, assume um lugar *especulativo* inconfesso, apenas partindo do qual ela pode fundamentar seu quadro categorial, põe-se a pergunta sobre a *dimensão especulativa da teoria crítica* (2019, p. 210, grifo do autor).

Esse é o programa de pesquisa que se abre ao fim do livro, que põe em seu próprio horizonte o objetivo ulterior de uma "transformação estrutural da teoria crítica como modo materialista de pensamento" (2019, p. 211).

Recuperando também a formulação de um materialismo crítico em Adorno, Deborah Cook lembra a classificação de Adorno, ao lado de todos os frankfurtianos, no clássico *Sul Materialismo*, de Sebastiano Timpanaro, como portador de uma "orientação antimaterialista, anti-esclarecimento, antijacobina", no fim "mais ou menos explicitamente religiosa" (TIMPANARO, 1975 apud COOK, 2006, p. 719). Meillassoux não sustenta uma posição materialista dogmática como a de Timpanaro, mas sua concepção sobre a crítica não é menos radical. O principal problema prático-político do correlacionismo, para o autor, é que ele implica numa posição fideísta, que entrega à pura fé e retira da jurisdição da razão o absoluto. Meillassoux também assume a excêntrica, porém consequente posição de ao mesmo tempo invalidar o princípio leibniziano da

razão suficiente (postulando o caráter infundado e contingente da atual estrutura da realidade) e firmar como absolutamente verdadeiro o princípio da não contradição (MEILLASSOUX, 2006, p. 109). Se ele estiver correto, parece claro que a apreensão antinômica da realidade, tal como feita por Adorno, só pode ser decorrência de um erro de pensamento que "converte o materialista em antinômico", ou seja, de uma incapacidade de aplanar a contradição, não subsistente na *physis* matematizada. Pode ser cedo para julgar, mas parece que a correção do materialismo crítico de Adorno inspirada por Meillassoux só pode se dar assumindo-se o trilema e desprezando a dialética. Certamente, agarrar-se à dialética incondicionalmente é, para um pensamento orientado ao primado do objeto, não mais do que fetiche. O próprio Adorno pensava sob o horizonte de um fim da dialética, de um estado em que o objeto não nos forçasse mais a pensar antinomicamente. Ele talvez não contasse, no entanto, que a desintegração do estado de coisas real que engendra a dialética tampouco implicasse reconciliação. Que Meillassoux só possa posicionar seu problema a partir da ideia de um universo sem vida inteligente que o apreenda (que pode ser anterior à emergência dela, mas também posterior ao seu fim, *depois da finitude*) diz algo sobre o estado de ânimo dos tempos (ou, para dizer ainda em termos adornianos, das carências do pensamento hoje). Para nós que talvez vivamos em pleno curso dessa desintegração, o problema que Pucciarelli apresenta é de fato urgente.

## Referências

- COOK, Deborah. Adorno's critical materialism. *Philosophy & Social Criticism*, California, n. 32, v. 6, p. 719-737, 2006.
- FLECK, Amaro; PUCCIARELLI, Daniel. Protoparentesco, homologia, isomorfia: Transições intercategoriais na teoria crítica de Adorno. *Ethic@*, Florianópolis, v. 18, n. 1, 2019, p. 109-126.
- HINDRICHS, Gunnar. Adornos kritischer Materialismus. In: SOMMER, Marc Nicolas; SCHÄRLI, Mario (org.). *Das Ärgeris der Philosophie: Metaphysik in Adornos Negativer Dialektik*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019, p. 121-144.

MEILLASSOUX, Quentin. *Après la finitude: Essai sur la nécessité de la contingence*. Édition revue. Paris: Seuil, 2006

MÜLLER, Marcos. Exposição e método dialético em 'O Capital'. *Boletim SEAF*, n. 2, p. 17-41, 1982.

SCHNÄDELBACH, Herbert. Dialektik als Vernunftkritik: Zur Konstruktion des Rationalen bei Adorno. In: FRIEDEBURG, Ludwig von; HABERMAS, Jürgen (org.). *Adorno-Konferenz 1983*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1983, p. 66-93.

THYEN, Anke. *Negative Dialektik und Erfahrung: Zur Rationalität des Nichtidentischen bei Adorno*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1989.

---

## Luiz Philipe de Caux

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Luiz Philipe de Caux  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Campus Universitário, Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes  
Lagoa Nova, 59078-970  
Natal, RN, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*